



AO LEITOR

A memória tem dois lados, a lembrança e o esquecimento. Diz a mitologia grega, que ao morrer todo ser humano, comum ou ilustre, deveria ir para o Hades, mundo dos mortos, o acesso a tal mundo se dava por um rio, nele se encontrava o barqueiro Caronte, que mediante ao pagamento de um óbulo (moeda grega antiga) carregava o morto à sua última morada. O rio se chamava Lethe (esquecimento, em grego), o interessante da história é que este rio em um determinado ponto continha uma bifurcação, dividindo o mesmo em dois braços, um mais caudaloso e tranquilo e outro mais estreito e de navegação difícil, o primeiro mantinha o nome, Lethe, o segundo chamava-se A-Letheia (o que não é esquecido). A decisão para onde levar o incauto morto, não cabia a Caronte, este consultava uma titânida que morava justamente na bifurcação do rio, Mnemósyne (deusa do que entendemos por “memória”), a deusa decidia para que lado Caronte deveria levar seus passageiros, quem era destinado ao braço do esquecimento, lugar escuro, silencioso, inundado, vagaria a esmo, sem sentido, sem lembranças, sem cores, sem alegria e lentamente, mergulhado no esquecimento de tudo, aos poucos perdia sua consciência e deixava de ser, já quem era selecionado para o braço A-Letheia, chegaria à ilha dos Bem-Aventurados, estes são os que seriam lembrados ao longo dos tempos pelo mundo dos vivos, conservando sua

consciência, sua identidade, sua individualidade, uma forma de imortalidade.

Mas qual era o critério de Mnemósyne? Como ela decidia de forma justa quem merecia o esquecimento e quem era destinado à imortalidade? A titânida consultava as suas nove filhas, as Musas, fruto da união entre Mnemósyne (a Memória) e Zeus (a Luz da Razão).



As musas Clio, Euterpe e Talia, por Eustache Le Sueur

Eram Calíope (a Poesia épica), Euterpe (a Música de sopro), Clio (História), Melpomene (a Tragédia), Terpsicore (a Dança), Erato (a Música de cordas), Polimnia (o Canto), Urânia (Astronomia) e Tália (Comédia). Observando com cuidado, percebemos que as Musas são as personificações das formas discursivas do universo humano: as Artes, a História, a Ciência. Elas cantavam, representavam ou narravam a vida do morto à sua mãe, a partir de dados que recolhiam sobre ele com outras divindades, como Diké (a Justiça) e Sophrosyne (a “justa medida”), dentre outras. A partir da representação discursiva que as Musas faziam, apresentando uma representação do morto, Mnemósyne decidia o seu destino.

Para a maioria das almas, as Musas nada tinham que pudesse ser cantado, dançado ou narrado. Esses eram fadados ao esquecimento (Lethe), o terrível esquecimento de si, a perda da consciência e da identidade pessoal, e o triste esquecimento por aqueles que permaneceram no mundo dos seres vivos. Para poucos, as Musas tinham material para comporem os seus cantos, a suas danças ou as suas narrativas. Esses, que eram raros, eram destinados ao “não-esquecimento”. Portanto para sobreviver na memória, alcançar a bem aventurança, era preciso fazer, lembrar e narrar.

Esta História me foi contada em uma aula das professoras da Unirio Claudia Beltrão e Patrícia Horvart, historiadoras e filósofas de mão cheia, e foi esta história mitológica que nos inspirou a batizar nossa Revista: Gnarus.

Citando Ferreira¹ ...

“Narrar nos remete para narro (fazer, conhecer, contar), um verbo derivado de gnarus, que significa ‘que conhece’, ‘que sabe’. Fundamentalmente, narrar é levar ao conhecimento e também ‘contar’, ‘dizer’. Gnarus tem a mesma raiz etimológica de nosco, ‘conhecer’, ‘tomar conhecimento’, ‘começar a conhecer’, ‘aprender a conhecer’. Acrescentando o prefixo cum a nosco, temos o verbo cognoscere, que significa “conhecer”. Narrar é essencialmente

“levar o conhecimento”. O conhecimento é um nascer, um surgir algo que não havia, o conhecer é um gerador de nascimentos”

É esta nossa ambição nesta empreitada, narrar a História, fazer conhecer, dar voz a professores e alunos, divulgar a produção acadêmica historiográfica e estimular a produção do fazer conhecer, da construção da memória, que nos livre do esquecimento, do não ser.

Esperamos que nos acompanhem nesta viagem pelo rio da A-Letheia.

Fernando Galha



Caronte ilustrado por Gustave Doré, para a Divina Comédia.

¹ FERREIRA, C. Bereshit: *O início da narrativa hebraica bíblica*. Phoênix, Rio de Janeiro: n. 13, p. 67-83, 2007.